

DA ESCRITA DE INTENÇÕES AOS DISCURSOS SOBRE O PROCESSO

HISTÓRICO: o caso da História da Educação como disciplina e campo de pesquisa no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina.

Magda Madalena Tuma – UEL

Eixo 2 – História da Profissão docente e das instituições escolares

O processo de implementação do ensino superior no Brasil, no século XIX, se expandiu através da criação de faculdades isoladas que, em grande parte, foram incorporadas, posteriormente, às Universidades. O município de Londrina, que no ano de 1956, criou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras ainda sem o curso de Pedagogia, e que em 1971, passou a compor a formação da Universidade Estadual de Londrina, expressou a permanência e continuidade desta prática.

A criação do curso de Pedagogia, no ano de 1961, aconteceu em meio a mudanças econômicas, em Londrina e região norte do Estado do Paraná, que sinalizavam a iminência do fim da vinculação da idéia de ‘progresso’ à produção agrícola, assim como à produção cafeeira. Este processo de mudanças, em município do interior que fora criado há menos de 40 anos, configurou a oferta inicial de ensino de nível superior, que décadas depois, indicará Londrina como pólo regional deste ‘serviço’.

A presença da História da Educação no município está relacionada à Escola Normal de Londrina (posteriormente Instituto Estadual de Educação de Londrina) e à Escola Normal Mãe de Deus, em processo de inserção semelhante ao ocorrido no Brasil, na década de 30, ou seja, como disciplina pedagógica direcionada à formação de professores e como ciência da educação.

A dinâmica acelerada de constituição do município, tanto no aspecto político e econômico quanto no educacional, propiciou ao ambiente do ensino superior, a convivência entre professores de diferentes gerações, o possibilitou aos docentes da disciplina de História da Educação, do curso de Pedagogia da UEL, o entendimento da pertinência deste Projeto de Pesquisa denominado de “História da História da Educação em Londrina¹”, que ao abarcar o período de 1960 a 1990, possibilita o diálogo com docentes e/ou alunos de diferentes gerações,

¹ O Projeto em questão foi iniciado em 2004 sendo coordenado pela Prof^a Dr^a Maria Luiza Abbud e desenvolvido por equipe composta pela autora deste; pela Prof^a. Marta Regina Gimenez Favaro Weber e pelas acadêmicas do curso de Pedagogia da UEL, Aline Mikaela Pereira e Osvaldinéia Nascimento Santos.

e trazer à visibilidade, elementos da inserção e construção da História da Educação, como disciplina e campo de pesquisa, paralela à pesquisa também em evidências documentais.

Na consideração do contexto teórico da pesquisa historiográfica, que é palco de amplos debates sobre suas necessidades, defasagens e contradições, as autoras do projeto definiram como abordagem teórica a Nova História oriunda do movimento francês de 1929, denominado como *Les Annales* e pela História oral como metodologia.

Acreditamos que a problematização, o repensar do tempo histórico, de métodos e fontes advindas desta abordagem contribuirão para o esclarecimento da constituição do curso de Pedagogia e da presença da História da Educação em Londrina, na relação com o processo sociocultural e histórico da educação brasileira, e objetivamos, também contribuir para minorar as deficiências que permanecem neste campo de pesquisa, em relação às fontes primárias documentais e referenciais teórico-metodológico.

A opção pela História Oral ao possibilitar a inserção da perspectiva de profissionais da educação e dos alunos egressos do curso de Pedagogia da UEL, nos remeteu à necessidade de situar, temporal e espacialmente, os sujeitos sociais do processo histórico e ao contato com elementos da memória individual e coletiva, o que, de forma contraditória, também nos expôs a omissões, esquecimentos, sentimentos, idéias, valores, que conforme Voldman (2005,p.37), nos inseriu em entrecruzamentos como os de “[...] um jogo de esconde-esconde entre o historiador e seu interlocutor”. Tal reconhecimento não nos afastou da evidência oral como importante fonte sobre a experiência humana, assim como não nos permitiu prescindir da articulação com outros procedimentos, como o da análise documental.

Assim, com o objetivo de articular evidências orais e documentais locais ao processo nacional de constituição da História da Educação como disciplina e campo de pesquisa, este estudo visa apresentar resultados preliminares da análise de objetivos expressos em programas de ensino da disciplina História da Educação, do curso de Pedagogia da então Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina, atual Universidade Estadual de Londrina, referentes à década de 60. Os depoimentos das duas primeiras professoras de História da Educação, Prof^a Estela Kobaiashi e Prof^a Zenite Ribas César e os programas da disciplina, restrito aos produzidos pela Prof^a Zenite nos anos de 1964; 1967; 1968 e 1969, serão utilizados para situarmos aspectos das intenções escritas em relação ao contexto de formação e de atuação profissional das docentes, articuladas às concepções e abordagens que

permeavam a História da Educação como disciplina e campo de pesquisa em suas relações com a Filosofia; influências da sociologização da educação e a concepção de tempo histórico.

Da Escrita Intencional ao Discurso sobre o Vivido

O primeiro programa analisado refere-se ao ano de 1964, quando de fato, as disciplinas de História da Educação e Filosofia da Educação foram separadas, apesar de enunciadas desta forma, em 1961, no currículo do curso de Pedagogia. A Prof^ª Estela Kobaiashi que ministrou, de forma conjunta estas disciplinas, nos anos de 1962 e 1963, lembra que deu aula durante

[...] dois anos de História e Filosofia da Educação, então veio uma alteração curricular em que houve algumas mudanças e dentro dessas mudanças a História separou da Filosofia da Educação, então a disciplina que eu dava conjunta, que eu achava muito puxado, sabe? Para dar durante dois anos, mesmo que sejam dois anos inteirinhos, né? História e Filosofia achava que era muita coisa.

A Prof^ª Estela cursou Pedagogia em Curitiba, na década de 50, pela Universidade Federal do Paraná, e ao retornar para Londrina, em 1955, iniciou a profissão como docente de História e Filosofia da Educação no curso Normal do Colégio Mãe de Deus. Em 1962, foi convidada para a docência das disciplinas de História e Filosofia no curso de Pedagogia, e mesmo considerando as diferenças dadas pelo nível de complexidade das disciplinas no ensino superior, não estranhou a junção das mesmas, pois esta era a forma de organização da mesma na escola normal. O que a frustrou foi a quantidade de conteúdo, pois não conseguia ministrá-lo integralmente em tempo que considerava curto. Alheia ao processo de construção do currículo do curso, entendia o programa da disciplina “[...] como um roteiro, [que] não era obrigatório dar do começo até o fim, a gente tinha como roteiro e ia dando o que dava” (2006, p.3), e a elaboração do currículo do curso de Pedagogia, como produção realizada de acordo com a legislação federal, que como instância definidora, inclusive da organização curricular, possibilitava às faculdades apenas a adequação para sua criação.

A Prof^ª Zenite concluiu o curso de Pedagogia na Universidade de São Paulo em 1963, e ao iniciar sua carreira docente em 1964, elaborou o seu próprio programa, desconhecendo os autores do currículo do curso, que para ela havia sido produzido por “[...] pessoas que a gente

tinha na cidade, não é?” (2005, p.2). Iniciar a carreira docente no ensino superior, a deixou envaidecida, mas não sem reconhecer que assumia “[...] uma responsabilidade muito grande, nossa!” (2005, p.5). Sob o impacto da nova condição, sentiu-se solitária e retornou ao espaço de formação, buscando apoio em seus antigos professores, só obtendo sucesso com o Professor Querino Ribeiro, que conforme Carvalho (2004) representa para a História da Educação a influência da tradição historiográfica do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Demonstrando valorizar o conhecimento histórico na formação de professores, também entendia a Filosofia da Educação como disciplina importante, tanto que ela e a Prof^a Estela “[...] trabalhavam muito junto com a Filosofia da Educação, fazíamos discussões, sempre foi assim, funcionava bem na época” (2005, p.9).

Para a Prof^a Estela a chegada da Prof^a Zenite em 1964, propiciou sua opção pela disciplina Filosofia da Educação, mas

[...] eu achei que não poderia desvincular também, uma coisa da outra e propus, não sei se a Zenite contou, mas eu fiz uma proposta: Zenite, a disciplina era conjunta e há muitos pontos de contato e elas realmente estão entrelaçadas, mas há determinados assuntos que eu tenho que tratar sozinho em Filosofia, mas esses pontos de contato eu não queria também ficar desmembrando, então nós vamos trabalhar juntas em determinados assuntos? Vamos trabalhar junto? E em alguns assuntos nós trabalhamos juntas, e deu certo!

A relação entre Filosofia e História da Educação para estas professoras extrapolava questões epistemológicas, ao ser entendida como opção para a superação do isolamento no qual se encontravam em relação aos grandes centros para a atualização de estudos. Mas era condição que não as acomodava, e na prática, mesmo desconsiderando ou ignorando as discussões teóricas em relação à presença da influência da Filosofia sobre a História, elas efetivavam experiências desenvolvidas com o também docente da Filosofia da Educação, Professor Vanoli Acosta Fernandes. Para a professora Zenite, este trabalho conjunto envolvia os alunos em pesquisa de campo nas escolas no município e possibilitou “[...] levantar todo o material da escola desde o histórico da escola até a busca da filosofia que eles seguiam, foi um trabalho muito bom e depois foi discutido pelos grupos em sala” (2005, p.9).

Outro aspecto que repercute sobre esta familiaridade entre História e Filosofia da Educação é a formação das professoras, ou seja, o tipo de referenciais teóricos que tinham acesso na década de 50-60, pois, mesmo considerando que as mudanças nas formas de agir e pensar não se dão de forma mecânica e nem sem conflitos, a escolarização (mesmo em nível superior), repercute na construção e definição de valores e saberes, ao fazer parte da rede de interdependência na qual nos constituímos conforme indica Elias (1994).

Para Warde (1999), um aspecto que contribuiu para esta proximidade, foi o fato destas disciplinas não se coadunarem com os padrões dos métodos científicos, de base experimental, advindos das ciências naturais, o que colocou a Filosofia e a História da Educação na esfera das disciplinas doutrinárias, ou seja, como parte “[...] daqueles saberes que permanecem sujeitos às escolhas morais” (p.4).

Além disso, o afastamento da investigação teórica em História pela História da Educação, na época de sua inserção como disciplina no Brasil, prejudicou a consideração dos elementos inovadores advindos tanto do marxismo quanto do movimento dos Les Annales. O que se tem, objetivamente, é que o acesso às discussões sobre as mudanças historiográficas, poderia ter desestabilizado concepções norteadas pela tradição historiográfica que se atrelava à história política encadeada em cronologia linear, generalizante, e gerado outro tipo de produção historiográfica em História da Educação e em período anterior à década de 70.

Em nosso caso, nos deparamos com professoras que demonstram a repercussão desta formação, como no caso da Prof^a Estela que opta pela disciplina Filosofia da Educação, e ocasiona a permanência da influência da Filosofia da Educação sobre a História da Educação em cotidiano de ações pedagógicas conjuntas. Este contexto, foi aquele, no qual a Prof^a Zenite que tinha entre suas referências teóricas a predominância de filósofos, reconhece esta concepção como decorrente de sua formação e de sua circunstância, entendendo que, a questão de fontes para superação só melhorou “[...] quando começaram a sair os livros do Dermeval, que eu acho que foi um marco na História da Educação brasileira, quando começaram a sair as publicações lá da PUC, foi um marco, viu?” (2005, p.11).

De qualquer forma, a professora iniciante, tinha como principal objetivo da disciplina em 1964, oferecer bases para que o aluno

“[...] chegue a conceito de Teoria da Educação, e compreenda por si mesmo os determinantes dos sistemas educacionais, principalmente

os de sua época, e forme, assim uma atitude favorável de dinamismo e ação dentro da sociedade, como requer seu futuro “*status quo*” de professor secundário” (Programa de curso – 1964)

O objetivo acima nos indica que a professora entendia a profissão docente de forma positiva ao vincular a mudança ao *status* de professor secundário, sendo o significado deste *status* permeado pela representação que atribui a condição de ‘portador de saberes’ ao professor como necessários à ação para a transformação social. Este posicionamento nos leva a indicar a influência de Fernando de Azevedo, na formação da Profª Zenite, que foi sua aluna, através da teoria e das ações que efetivou como mentor intelectual da criação e organização de instituições educacionais para a formação de professores, assim como através de sua obra *A cultura brasileira* que se configura como uma das primeiras e influentes produções acadêmicas no campo da História da Educação no Brasil. Tal influência foi tão expressiva que, para a professora Zenite, a diversificação de fontes para a História da Educação, se ampliou só a partir da década de 70, pois “[...] antes disso era o livro do Fernandão que tinha! E aquele do Tobias, um horror o livro, [...] e não tinha mais nada!”

Carvalho (2004, p.387-388), que também foi estudante na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, na década de 60, ressalta a presença influente de Primitivo Moacyr e de Fernando de Azevedo, sobre as escolhas de temas de pesquisa e enquadramento interpretativo da História da Educação, que sustentaram a História das idéias pedagógicas de fundo moralizador e a História de políticas educacionais advindas da ação estatal, como campo de pesquisa e como disciplina de formação de professores. São também representativos como autores e pelas ações políticas de concretização da realidade educacional desejada no fortalecimento desta tendência, os educadores Anísio Teixeira e Lourenço Filho.

A presença do fundamento sociológico expressado no objetivo enunciado pela professora, retrata o legado de Azevedo para a historiografia da educação brasileira, caracterizando as influências que permeavam a formação da professora, em perspectiva teórica, que para Carvalho (2004, p.396), foi “hegemônica” no campo educacional a partir da década de 50.

Mas, onde está presente esta influência? Discorrer amplamente nos é impossível neste momento, mas constatamos que a temporalidade na qual situa, o reconhecimento da dinâmica do tempo presente, no movimento da sociedade da década de 60, a distancia da contextualização temporal da longa duração, o que permitiria aprofundamentos sobre o

processo histórico, através de análises comparativas entre ritmos temporais de transformações sociais que repercutiram sobre a educação.

A não superação da concepção de tempo histórico tradicional nos remeteu ao reconhecimento da permanência da ideologia do progresso, em base iluminista, que insere as experiências históricas em uma única história onde a ‘transformação é projetada para o futuro’ e o ‘tempo presente’ como o tempo do enfrentamento de dificuldades para construções, que serão recompensadas no futuro com o ‘desenvolvimento’ de uma nova condição de participação conquistada pelo aluno, ou seja, como professor que detém conhecimentos. A razão iluminista que permanece no entendimento do passado como o de erros que através do agir se orientará para a otimização no futuro de realidade educacional diferente, está ressaltada na ação do tempo presente (estudar), condição necessária ao futuro “professor secundário” para a transformação através do “dinamismo e ação dentro da sociedade”.

Será que tal perspectiva aplicada à educação permanecerá como ‘camisa de força’? O que observamos é que, como docente da História da Educação, a Prof^a Zenite buscou redimensionamentos teóricos para sua ação, mas estes ainda permanecem confusos no decorrer da década de 60, como constatamos no Programa elaborado três anos depois, ou seja em 1967, onde já indica mudanças na consideração da temporalidade histórica, ainda que permaneça a periodização em “épocas”. É inserção de perspectiva temporal que coloca o tempo da longa duração, em dimensão ‘evolutiva’, mas que inclui questões culturais, ao considerar as diferenças entre as sociedades em dimensão espacial e temporal.

A concepção que indico se configura como plausível, quando no Plano de Curso constatamos que em seu objetivo visa propiciar aos alunos “[...] visão geral da evolução da educação através dos diferentes povos e épocas [...]”, assim como, transmitir o entendimento das diferenças culturais no estudo da “[...] relação entre a Cultura, a História e a Educação”. São objetivos colocados, paralelamente, a outros, que visam fornecer “[...] base histórica profunda sobre a qual podem se apoiar juízos [...]” e o passado ser conhecido não “[...] apenas como erudição [...]”, mas para reflexões sobre a realidade atual.

Este objetivo é longo e, também explicita em sua primeira parte, a permanência da concepção de História da Educação como discurso moralizador, ao pretender “Contribuir para preservar os valores estabelecidos ao longo da História da Educação e promover a

centralização desses valores como uma parte essencial e proeminente na preparação de educadores” (Plano de curso, 1967).

A busca no passado de elementos para a compreensão do presente como processo necessário, é entendimento, que nos remete a Hobsbawm (1998), que indica como importante este movimento de compreensão, desde que nenhuma das dimensões temporais (presente e passado), seja negligenciada, mas a professora, mesmo na tentativa de mudança, ainda não altera sua perspectiva de projeção para o ‘futuro’ ao entender o ‘presente’ como espaço da experiência que se concretiza no futuro.

Nas tentativas de redimensionamento de seus objetivos, a professora Zenite indicou contradições vividas na reelaboração da concepção de História e de tempo histórico, assim como os obstáculos para a superação de representações construídas com base em histórias exemplares trazidas pela tradição e memória coletiva, que para Diehl (2002), podem adquirir a condição de formulação pedagógica, o que provoca sua naturalização e maiores dificuldades para sua superação. O processo que coloca a professora na contradição está estampado nos objetivos já indicados, e também naquele que indica o passado como ‘lição’ e o estudo da História da Educação como aquele que irá “Ajudar os alunos a compreenderem os problemas atuais, como surgiam e que forças podemos tirar do passado para atuar no presente e mover-se no futuro” (Plano de curso, 1967). Neste objetivo, ela registra na perspectiva de Tanuri (1999), a permanência na década de 60 da visão pragmática que imperava na década de 30, e que atribuía à História da Educação valor implícito por sua utilidade para o tempo presente.

Os objetivos dos anos de 1968 e 1969, escancaram, naquele momento, a definição da vertente teórica coerente com a formação da professora, ou seja, neles ela define que o estudo das idéias pedagógicas e instituições, é o que busca na História da Educação definindo como objetivo da disciplina: “Fornecer conhecimentos sobre o desenvolvimento histórico das idéias e instituições pedagógicas, principalmente sobre as que têm sobrevivido às mudanças do tempo e que podem contribuir para resolver nossos problemas atuais de educação”.

O que constatamos é que os princípios da formação da professora, emergiram como relevantes em momentos de definição de objetivos e ações pedagógicas, o que no caso, evidencia-se como resultado de abordagens e temáticas veiculadas por obras produzidas a partir da década de 50 e até os primeiros anos de 70, que são representativas do início da “[...]”

construção da tradição de pesquisa no âmbito da História da Educação” (TANURI, 1999, p.157).

Este período, ainda conforme Tanuri (p.163), propiciará a existência de obras, que em sua maioria, focalizavam a história das instituições e algumas a história das idéias, em contexto de representações que vislumbravam esperanças de mudanças na luta pela democratização ensino público. Portanto, assim como os estudiosos de décadas passadas analisaram sua realidade e a ela responderam com as possibilidades que possuíam e anteviam, a professora Zenite, atuando à margem dos grandes centros, nos demonstrou, nestas primeiras análises, que enfrentava os desafios colocados em seu cotidiano de professora, redimensionando suas perspectivas através de retornos ao seu ambiente de formação em nível superior.

Ela também nos indica que, mesmo em meio a contradições, fazia reflexões e reescritas de suas intenções, buscando o reconhecimento da importância da História da Educação na formação dos professores, o que ainda expressa como professora aposentada, em depoimento concedido no ano de 2005, ao manifestar inconformismo perante o fato de que ainda percebe nos alunos falta do entendimento de que “[...] a História da Educação não vai contribuir para atuação dele em sala de aula no dia seguinte, é uma outra dimensão de formação, de efeito não imediato” (p.5).

Concluindo o que nos é possível...

Na convicção de que não conseguimos fazer sobressair a riqueza de dados que emergem da fala das professoras, assim como dos documentos produzidos por elas e pela burocracia institucional, e premida pela falta de espaço, encerro estas pontuais observações, ressaltando que nelas evidenciamos algumas das condições limitadas a que eram submetidas as professoras e alguns dos fundamentos que norteavam as idéias e ações das professoras no referido contexto histórico. A importância da experiência construída de forma reflexiva no exercício profissional, se evidenciou como aspecto que demanda muitas outras aproximações, para que necessários aprofundamentos aconteçam e contribuam para a ampliação da compreensão da realidade educacional brasileira, também com base em realidades educacionais localizadas espacialmente fora do eixo dos grandes centros de referência como são Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.